

Nas origens do núcleo regional de Braga da Faculdade de Teologia

Notas de informação e reflexão por ocasião do 25.º aniversário (1987-2012)*

JORGE COUTINHO

Ao pensar em como alinhar alguns factos e dados sobre os anos em que tive a minha própria responsabilidade no destino – ou melhor, na destinação – da escola teológica de Braga, em relação com a Faculdade de Teologia da UCP, veio-me à mente, quase instintivamente, a ideia de começar pelo fim, utilizando no meu discurso o processo formal que na linguagem do cinema se designa por *flash back* e em teoria literária por analepse. Começaria assim por lançar os olhos pelo panorama presente e contemplar aí os numerosos e valiosos frutos de uma história de 25 anos, em que fui participante ativo, para depois deixar que a memória reconstrua o que lhe for possível na teia dessa mesma história.

A secretaria deste núcleo regional realizou um estudo sumário que patenteia alguns dados estatísticos de interesse sobre o fruto destes 25 anos. O atual Diretor Adjunto, Prof. João Duque, já os referiu na sua intervenção. Em consequência disso ou em relação com isso, podemos imaginar, mesmo sem números exatos, quantos doutorados surgiram, desde 1987; quantos sacerdotes estão hoje no seu ministério qualificados e apetrechados com um nível de estudos que lhes

* Memória apresentada pelo autor na sessão académica comemorativa dos 25 anos do núcleo regional de Braga da Faculdade de Teologia da UCP, em 19 de outubro de 2012.

permite ombrear sem complexos com as numerosas pessoas hoje mais escolarizadas e em consequência muitas delas diplomadas e academicamente graduadas; quantas religiosas (e alguns religiosos não ordenados) obtiveram por essa via um valorizado estatuto académico de saber e uma diferente capacidade profissional para exercerem as mais diversas missões e funções na linha da respetiva vocação específica; quantas leigas e leigos cultivaram e desenvolveram as suas razões de crer ou o seu entendimento da fé (*intellectus fidei*); quantos delas e deles estão hoje profissionalmente preparados para exercerem sobretudo o ministério do ensino da Educação Moral e Religiosa Católica, mas também outras funções de especial responsabilidade na Igreja. Mas ainda, quanto a Igreja em Portugal com as suas múltiplas dioceses beneficiaram da existência e do funcionamento do mesmo núcleo da Faculdade – a que poderíamos acrescentar, por inerência, o núcleo do Porto – e ainda em seus desdobramentos: em extensão de cursos e em cursos de extensão, em congressos, colóquios, semanas de estudos, conferências, ações de formação, etc. Quantos livros, revistas, estudos, artigos e publicações de vária ordem se produziram (que não o teriam sido, se não houvesse esta plataforma institucional de exigência e de possibilidade). E mesmo, no interior da Faculdade de Teologia no seu todo, quanto esta se enriqueceu com a incorporação das escolas teológicas já existentes em Braga e Porto: quanto se alargou o seu corpo de professores de carreira e outros docentes; quanto se enriqueceu o seu Conselho Científico, bem como outros órgãos ligados a serviços vários. Mesmo sem quantificação, trata-se de dados com realidade efetiva e altamente significativa no contexto da Igreja e da sociedade minhota, nortenha e portuguesa. De facto, estamos, como é fácil de ver, perante uma riqueza de enorme valia, que só foi possível em consequência desta aglutinação de entidades e de pessoas num esforço partilhado e superiormente orientado para um maior bem da Igreja em Portugal.

É, pois, das alturas deste panorama que me apraz operar o *flash back* e ativar algumas recordações ainda guardadas no arquivo da minha debilitada memória, para contar um pouco da história que tornou possível esta feliz situação.

A história tem a sua pré-história. Estava-se, ainda, nos anos 70 do século passado. Um homem a quem a UCP deve muitíssimo do que hoje é deve ser aqui recordado. Foi aluno dos Seminários de Braga e depois foi jesuíta; sempre muito afeiçoado às suas origens minhotas, seja às da terra que o viu nascer seja às da instituição onde recebeu a primeira formação em ordem ao ministério sacerdotal. Facilmente já muitos adivinharam que estou a falar do Padre José do Patrocínio Bacelar e Oliveira. Feito Reitor da Universidade Católica, bastantes das vezes em que vinha a Braga gostava de fazer uma breve passagem pelo Seminário Conciliar, então instalado no (neste) edifício da Rua de Santa Margarida. Conhecedor que era do bom nível da sua escola teológica, em 1978

convidou-me para fazer parte do Conselho Superior, como representante das escolas teológicas portuguesas não universitárias. Era a altura em que o Conselho Superior andava ocupado sobretudo com a discussão e fixação dos Estatutos da Universidade, originariamente redigidos pelo saudoso Prof. Guilherme Braga da Cruz (outro homem que foi de Braga antes de ser de Coimbra), e depois, em razão da morte prematura deste, continuados pelo Prof. Afonso Queiró.

Foi o Padre Bacelar que teve a feliz ideia de instigar o Seminário Conciliar de Braga a solicitar à Santa Sé o estatuto de escola filiada na Faculdade de Teologia de Lisboa. Era então Diretor desta o Prof. José da Cruz Policarpo, que entretanto, no decurso do processo, se tornou, pela ordenação episcopal, D. José da Cruz Policarpo. Assumido pela Diocese de Braga e pelo Seminário Conciliar este desafio, uma vez elaborado o dossiê adequado, seguiu para Roma e a resposta foi positiva. Em Outubro de 1977, estando a Arquidiocese em situação de *Sede vacante* pela morte do Arcebispo D. Francisco Maria da Silva, e sendo Vigário Capitular o Snr. D. Manuel Ferreira Cabral, foi formalizada a filiação, passando a escola do Seminário a ser designada como Instituto Superior de Teologia de Braga. Os seus alunos passaram, por esse facto, a ter acesso ao grau de licenciatura, conferido pela Faculdade de Teologia de Lisboa.

Dez anos decorreram sobre a vinculação do Seminário a esta figura institucional. Entretanto, na sequência e, em boa medida, por causa da grave diminuição dos alunos de Teologia (seminaristas) na década de 70, a escola teológica do Porto havia agregado a si, a par das escolas dos seminários de outras dioceses, vários Institutos religiosos. Transformou-se assim no Instituto de Ciências Humanas e Teológicas (ICHT), com um estatuto diferente, uma dimensão maior e uma qualidade de ensino superior em relação ao que lhe fora próprio quando era simplesmente a escola do Seminário Maior do Porto.

Esta situação enriquecida das escolas de Braga e agora também do Porto acabou por fazer nascer a ideia da sua incorporação na Faculdade de Teologia, sob a forma de núcleos regionais extensivos do núcleo-sede de Lisboa, uma ideia sem dúvida inovadora, não só em Portugal mas também, em plano mais vasto, no âmbito das escolas teológicas tuteladas pela Congregação romana para a Educação Católica.

Foi uma ideia que surgiu, em primeira mão, para dar concretização a uma aspiração da escola teológica do Porto. É sabido que o Porto sempre rivalizou com Lisboa e sempre fez questão de ser a segunda cidade de Portugal. Também nestas coisas houve certamente uma certa emulação, desde o momento em que os responsáveis da sua escola teológica, agora valorizada na configuração de Instituto de Ciências Humanas e Teológicas, olhavam para Braga e viam que a escola bracarense, através da filiação, se tinha adiantado numa ligação ins-

titucional à Faculdade de Teologia de Lisboa. O Porto não podia ficar atrás de Braga, e reclamava-se de fundamentos bastantes para estabelecer com aquela uma ligação também institucional. Acresce a esta emulação o facto de, por essa altura, se encontrar em fase de estudo e julgo que já também de início de funcionamento o pólo do Porto da Universidade Católica, sob a liderança do (também bracarense de origem) Prof. Francisco Carvalho Guerra. A integração da Teologia no quadro geral deste pólo portuense da Universidade – orientado para vir a constituir um Centro Regional da mesma – era, sem dúvida, uma mais-valia, e era mesmo quase uma exigência, na lógica estruturante das universidades católicas.

Foi assim que o então Diretor do ICHT, Padre Dr. José António Godinho de Lima, se pôs em ação. O primeiro movimento de convergência terá partido dele. E o bom acolhimento que acabou por ter da parte de Lisboa explica-se pela visão larga das coisas que, na circunstância, a Direção da Faculdade manifestou. Nas conversações havidas para o efeito, tendo em conta que a escola do Porto, pelas suas características, não reunia as condições para ser uma escola filiada, surgiu a ideia alternativa de a incorporar na Faculdade sob a forma de núcleo regional. Era, de facto, uma figura nova, na estrutura de uma Faculdade de Teologia. Mas foi essa a forma que se achou mais adequada. Era uma solução que agradava ao Porto e não desagradava a Lisboa, dado que a incorporação da escola do Porto trazia à pouco mais que incipiente Faculdade de Teologia de Lisboa uma mais-valia notável, pelo que representava de aproveitamento e potenciamento de sinergias.

Pode perguntar-se: quem foi ou quem foram exactamente o autor ou os autores da ideia desta forma nova de vinculação institucional, que são os núcleos regionais integrantes de uma mesma Faculdade? Da minha investigação, com a ajuda do nosso atual e já então secretário, Padre António Cachadinha Alves, que melhor que eu conserva a memória das coisas, concluí ser praticamente certo que a ideia terá partido, conjuntamente, do então Diretor da Faculdade de Teologia de Lisboa, Prof. José de Freitas Ferreira, e do saudoso Prof. Manuel Isidro Alves (que era, à data, Vice-Reitor da Universidade, acumulando este cargo com o de Diretor do Instituto Superior de Teologia de Braga, coadjuvado *in loco* por mim próprio como Diretor Adjunto, em razão da sua ausência em Lisboa). E pode ter entrado também na génese desta figura dos núcleos regionais o próprio então Diretor do ICHT, Dr. Godinho de Lima, proponente da desejada ligação do mesmo à Faculdade. Dados absolutamente certos, não os tendo de memória, também não me foi possível obtê-los por informação dos referidos intervenientes no processo, pois já todos passaram ao outro lado da vida.

Retomando o fio do discurso, é altura de lembrar que a fórmula de integração da escola teológica do Porto na Faculdade de Teologia em modo de núcleo regional extensivo do núcleo-sede de Lisboa não poderia ignorar que Braga tinha já uma ligação institucional à mesma Faculdade, como escola filiada e que, de modo semelhante à do Porto, era uma escola de bom nome, dispondo de docentes e estruturas que, juntamente com aquela outra, poderiam contribuir para dar uma nova dimensão à Faculdade. Não poderia por isso ser simplesmente suplantada pela do Porto, antes teria que ser incluída no mesmo processo de incorporação. Papel decisivo neste alargamento do processo à escola de Braga teve então o senhor D. Eurico Dias Nogueira, que, como Arcebispo de Braga, tinha presença no Conselho Superior e que acompanhou, desde o início, toda esta iniciativa do Porto e todo o processo da sua implementação. Reclamou então para Braga idêntico tratamento. Se o Porto não podia ficar atrás de Braga, Braga não podia ficar atrás do Porto. Felizmente, quanto é do meu conhecimento, não puseram obstáculo nem os intervenientes de Lisboa nem os do Porto. Braga foi, assim, inserida no processo por arrastamento, embora fosse uma escola que, em razão de já ser filiada, gozava mesmo de um direito de precedência sobre o Porto. Essa precedência foi aliás sempre tida em conta pelos responsáveis superiores, tendo tido visibilidade simbólica na própria data da respetiva inauguração solene e mantendo-a na menção oficial dos três núcleos, em que Braga sempre aparece antes do Porto.

O caso é que a ideia de uma única Faculdade com um núcleo-sede e dois núcleos regionais foi ganhando corpo. E foi, desde o início, muito acalentada e apoiada, não só localmente, pelo Arcebispo D. Eurico Dias Nogueira e pelo Bispo D. António Ferreira Gomes, mas também em Lisboa, quer pelo então Reitor da UCP, Padre Bacelar, quer pelo Diretor da Faculdade (primeiro o já referido Prof. Freitas Ferreira, e depois o senhor D. José Policarpo), quer pelo então Magno Chanceler, D. António Ribeiro, outro homem formado na escola do Seminário de Braga.

O processo foi instaurado e seguiu os seus trâmites. Multiplicaram-se as reuniões em Lisboa com a Direção da Faculdade e os então diretores dos Institutos da Braga e Porto, ou seja, comigo próprio e com o Padre Dr. José António Godinho de Lima. Da nossa parte (tal como na do Porto) elaborou-se um dossiê para fundamentar este novo enquadramento da escola de Braga na Faculdade de Teologia. Foram tidas em conta coisas como: a tradição académica da cidade e da Igreja de Braga, que já tivera inclusive, na Idade Média, a sua escola catedral; a importância de Braga como Arquidiocese Primaz entre as dioceses de Portugal; a presença, agora, no plano civil, da florescente Universidade do Minho, com novas exigências para a evangelização deste espaço minhoto; o valor do corpo

docente em funções; a existência de uma revista de cariz científico (*Theologica*); a capacidade financeira para manter o funcionamento; etc.

Em 3 de outubro de 1985, numa pequena sessão no Paço Arquiepiscopal em que estiveram presentes o Prof. Isidro Alves, o Prof. Freitas Ferreira, eu próprio e vários docentes, foi solenemente apresentado ao senhor Arcebispo D. Eurico Dias Nogueira o dossiê concluído, a fim de este o fazer seguir para as instâncias superiores, com o pedido de incorporação.

Avaliado o dossiê e consumado o processo, depois de obtida a necessária aprovação, primeiro pelo Conselho Superior e em seguida pela Congregação para a Educação Católica, em 19 de novembro de 1987 foi solenemente celebrada a abertura da escola teológica de Braga como núcleo regional da Faculdade de Teologia da UCP. O evento constou de dois atos solenes: uma missa do Espírito Santo e uma sessão académica, ambos neste edifício. Presidiu aos dois atos Sua Eminência o Cardeal D. António Ribeiro que, na oportunidade, não deixou de lembrar, no interior da rica história do Seminário Conciliar, a parte da sua própria formação nele recebida. Na sessão académica proferiu a *oratio sapientiae* o Senhor D. José da Cruz Policarpo.

No dia seguinte, idêntica celebração teve lugar no Porto, para assinalar a abertura do seu núcleo próprio, tendo-se a Universidade socorrido, para os dois atos sucessivos, da igreja paroquial de S. João da Foz do Douro, dado que não dispunha ainda de instalações adequadas no seu espaço próprio, cingido apenas ao edifício do antigo Seminário do Paraíso.

Na preparação deste memorial, não pude ter acesso a todos os documentos que dão consistência legal, quer no plano canónico quer no civil, ao novo figurino resultante deste processo de incorporação de Braga e Porto como núcleos regionais da única Faculdade de Teologia da UCP. Devo, porém, aqui sublinhar que tudo se processou sempre sob a superior orientação do Diretor da Faculdade em Lisboa e sempre sob a atenta vigilância do Magno Chanceler D. António Ribeiro, o qual, além de acompanhar o processo nas reuniões do Conselho Superior da Universidade e nos contactos, primeiro com o Prof. Freitas Ferreira e depois com o senhor D. José Policarpo, ia estabelecendo, como lhe competia e sempre com a devida atenção ao enquadramento legal, os necessários contactos com a Congregação para a Educação Católica. O Snr. D. António foi nisso, como era em tudo, sempre muito cauteloso e metuculoso. Tenho, por isso, a plena certeza de que tudo foi feito dentro da legalidade, dela tendo resultado a superior aprovação pela Congregação para a Educação Católica. Compreende-se assim que, já na primeira versão dos Estatutos da Faculdade de Teologia (datada de 1989, dois anos após a incorporação da que nos ocupamos) se estabeleça que «A Faculdade de

Teologia é integrada pela sua sede e por núcleos regionais, superiormente aprovados, sem prejuízo da sua unidade orgânica» (artigo 5º). Disposição idêntica pode ver-se na segunda versão, aprovada pela Congregação em 6 de março de 1996, com as assinaturas do respetivo Prefeito, Cardeal Pio Laghi, e do Secretário (atualmente também cardeal) D. José Saraiva Martins. Esta disposição encontra-se aliás respaldada quer pela primeira (artigo 15º, 2) quer pela segunda versão dos Estatutos da UCP (artigo 17º, 2), aprovados pela mesma Congregação e assinados pelo Cardeal Gabriel Maria Garrone em 19 de março de 1979 (a primeira) e por aqueles mesmos altos responsáveis em 11 de outubro de 1993 (a segunda). Com aquela Congregação, aliás, no decurso destes 25 anos decorridos, têm sido múltiplos e frequentes os contactos havidos por parte da Direção em plano nacional.

Os anos que de imediato se seguiram à incorporação da escola de Braga na Faculdade de Teologia e em que fui eu próprio o Diretor Adjunto (até 1991) foram sobretudo dedicados à aprendizagem das novas exigências da escola, à elaboração dos Estatutos da Faculdade no seu todo nacional, à adaptação do regulamento do núcleo de Braga e sobretudo à adaptação da mentalidade, e também das condições de trabalho (incluindo as estruturas materiais), de docentes e alunos, agora já não ligados academicamente ao Seminário mas à Universidade e ao seu espírito próprio.

A mudança de mentalidade tornava-se necessária quer no interior quer no exterior da (agora) Faculdade de Teologia-Braga. Quanto ao exterior, não deixo de anotar aqui que nem sempre esta mudança foi facilmente recebida, sobretudo por parte de sacerdotes mais idosos. Alguns não viam com bons olhos a agora Faculdade de Teologia (no seu núcleo de Braga) acolher nos seus espaços, dentro das paredes do edifício onde (ainda) estava instalado o Seminário, alunas leigas do sexo feminino; outros receavam que a nova geração de padres se tornasse uma geração de doutores, que não de pastores. Felizmente, a história dos anos que se seguiram não só tem desmentido cabalmente esse receio como tem revelado a mais-valia que é, para os novos pastores, a sua formação académica de nível e qualidade universitários.

No plano interno, era preciso mudar a mentalidade dos alunos e também dos docentes. Não foi fácil, para alguns, revestirem-se do espírito e assumirem as exigências próprias do estatuto universitário, que representavam bastante mais que uma mudança de nomenclatura. Era preciso rever, mais que o nível, sobretudo os métodos de ensino. E era preciso sobretudo assumir que de uma universidade se espera investigação e produção científica, bem como serviço à sociedade envolvente, que não apenas uma liceal transmissão de conhecimentos.

Tornava-se necessário, sobretudo, promover a formação de novos doutores em várias áreas. Era preciso libertar temporariamente dos seus compromissos pastorais alguns dos mais dotados, para se dedicarem à preparação do doutoramento. A esse respeito, uma homenagem é devida aqui ao Senhor D. Eurico Dias Nogueira, que, na circunstância, sempre aceitou o sacrifício da cedência de alguns sacerdotes para esse efeito, como, de resto, sempre apoiou, conforme já referi, o projeto da incorporação da escola teológica de Braga na Faculdade de Teologia e como sempre apoiou o projeto global da Universidade Católica Portuguesa, mesmo que, compreensivelmente, tenha tido alguma dificuldade em desvincular do Seminário as contas deste núcleo da Faculdade de Teologia para se integrarem no sistema geral das contas da Universidade.

Já agora, mais um pequeno parêntese para exprimir aqui sentimento semelhante em relação ao actual Arcebispo, D. Jorge Ortiga, que tem dado também valioso apoio ao núcleo bracarense da Faculdade de Teologia, mormente garantindo, não sem razoável sacrifício para a Arquidiocese, o lastro financeiro que tem permitido manter as contas em equilíbrio. Embora esta referência extravase a fase da vida da Faculdade que me foi proposto para relatar, deixo aqui esta pequena nota, que julgo de inteira justiça.

Dentro da preocupação de fundo de valorização do pessoal docente, eu próprio tive necessidade de, aos 50 anos de idade, em 1990, iniciar o processo de doutoramento. O Prof. Pio Alves de Sousa (hoje D. Pio), que me sucedeu como Diretor Adjunto (1991-1996) e cuja visão da coisa universitária é sobejamente conhecida, teve um papel relevante nesta promoção de novos doutoramentos. E não deixo de mencionar também o estímulo e apoio que sempre nos foi prestado pelo saudoso Prof. Isidro Alves, embora residindo habitualmente em Lisboa onde, como já referi, foi, sucessiva e, em parte cumulativamente, Vice-Reitor da Universidade e Diretor da Faculdade de Teologia em plano nacional, acabando por suceder ao senhor D. José Policarpo como Reitor.

É pena que D. Pio, por razões de agenda, não tenha podido estar aqui hoje para apresentar o seu próprio testemunho. Além do muito que, da sua competência como investigador, como professor e como gestor, deu à Universidade no seu todo e em especial, em circunstâncias cheias de graves problemas, ao Centro Regional de Braga, como seu Presidente, a Faculdade de Teologia-Braga deve-lhe o principal do seu incremento, em múltiplos aspectos. É com inteira justiça que lhe será prestada uma relativamente singela homenagem através da revista *Theologica*, que, por deliberação da atual Direção da mesma Faculdade de Teologia-Braga, lhe dedicará, a esse título, o próximo número como fascículo especial.

Não me foi pedido, para esta intervenção, que fizesse a história dos 25 anos decorridos, mas apenas dos começos deste núcleo regional. Ainda assim,

lembro de passagem que ao Prof. Pio sucedeu como Diretor Adjunto o Prof. António Oliveira Fernandes (1996-2002) e a este, de novo o Prof. Pio (2002-2007), o qual, algum tempo depois de ter assumido a Presidência do Centro Regional de Braga da UCP, cedeu o lugar ao Prof. João Duque, que, depois que o Prof. Pio passou a ser Bispo Auxiliar do Porto, acumula esse cargo com o de Presidente do Centro Regional. Com o Prof. João Duque a Faculdade de Teologia-Braga tem sido objeto de particular incremento em várias linhas, com relevo para a diversificação e oferta de novos cursos, acrescidos aos tradicionais e orientados sobretudo para o serviço à comunidade eclesial: mestrados em várias áreas de especialização, doutoramentos (com especialização em Teologia Prática e em Estudos da Religião), pós-graduações, formação permanente do clero, etc.

Termino este meu testemunho regressando à ideia inicial, ainda que com o risco de ser algo repetitivo. Sem dúvida que a vantagem desta incorporação da escola teológica de Braga na Faculdade de Teologia era, à partida, evidente e muito grande em várias linhas. Não era só, nem principalmente, a passagem ao nível e ao estatuto de escola universitária, preparada para, por si mesma, formar alunos seminaristas com graus académicos, qualificando assim, em tempo de multiplicação das universidades em Portugal e de acesso muito mais alargado a elas, a nova geração de padres com nível de formação académica semelhante à de muitos dos cidadãos seus contemporâneos, de que muitos seriam ovelhas dos respetivos rebanhos. Eram também, e de facto têm sido, enormes os benefícios em outra linha, que é a da formação universitária de (já) bastantes centenas de alunas e alunos leigos, além de um razoável número de religiosas e de religiosos não ordenados. Conhecem-se hoje sobejamente os benefícios que advieram à Igreja portuguesa, nesta porção do noroeste do País, principalmente no âmbito da formação de professores de Educação Moral e Religiosa Católica. Mas também na preparação de leigos sedentos de se apetrecharem com as razões da sua fé, parte dos quais passaram a exercer nas estruturas das dioceses de Braga e Viana do Castelo funções dirigentes ou outras de especial responsabilidade que antes eram exclusivas dos sacerdotes. E que hoje não teriam mesmo sacerdotes suficientes para as exercerem como convém. Sabemos ainda como algumas dioceses (incluindo as da Madeira e dos Açores) – aproveitando esta nova situação da sua presença em Braga e no Porto, com a anuência dos corpos dirigentes da mesma Faculdade e o apoio dos seus docentes nos três núcleos – procuraram junto da Faculdade de Teologia no seu todo, através de cursos de lecionação pontual, tirar proveito para formarem leigas e leigos interessados, mormente em ordem a disporem de pessoal qualificado para o ensino de Educação Moral e Religiosa nas escolas. Nessa linha, Braga apoiou sobretudo a Diocese de Viana do Castelo. E devo referir ainda, com algum relevo e com um certo orgulho para a Faculdade de Teologia e para a Universidade Católica, que foi do seu

corpo de professores, nos seus três núcleos, que saiu, especialmente nas duas últimas décadas, um conjunto de Bispos altamente qualificados com um nível de cultura que não era comum até então.

Termino este meu breve relato com uma pergunta: valeu então a pena quanto foi feito para que fosse implementada esta nova figura da escola teológica de Braga (sem ignorar a do Porto) e quantos sacrifícios de várias ordens a têm mantido viva?

Os factos respondem por si mesmos. Basta ter olhos para ver.